

**PENSANDO O JOVEM ENQUANTO PROTAGONISTA DE SEU MEIO ALÉM  
DO AMBIENTE ESCOLAR**

Maria Larisse Elias da Silva -CFP/UFCG  
Rosemere Olímpio de Santana - UACS/CFP/UFCG

**RESUMO**

Diversas pesquisas acenam para as várias percepções históricas relacionadas ao conceito de juventude. Na formação de uma sociedade moderna o jovem passou a ser aquele que se deveria orientar já que não teria a maturidade para as suas próprias escolhas. Santomé (1995) fala sobre esse lugar marginal que o jovem se encontra dentro de uma cultura negada. Por isso, o referido trabalho pretende discutir o conceito de protagonismo juvenil enquanto possibilidade de tornar visível essa cultura. O protagonismo juvenil foi apropriado na década de 1970 por instituições filantrópicas e estatais que retirava responsabilidades que são cabíveis ao estado, incentivando os jovens a assumirem atividades de voluntariado e investindo no discurso que todos teriam a mesma oportunidade de sucesso. Desta forma, escolhemos um caminho inverso, pensando em um protagonismo voltado para a inserção dos jovens em seu meio político, cultural, etc; Pretendemos com esse artigo pensar o jovem protagonista de seu meio, no entanto, problematizando até que ponto esse protagonismo é trabalhado dentro do ambiente escolar e se a escola potencializa a importância de sua protagonização fora dos muros escolares. Assim, partiremos de reflexões teóricas obtidas em discussões no projeto: *O protagonismo juvenil e a formação continuada* que é vinculado ao programa 'Diálogos interdisciplinares na formação de educadores: uma proposta transversalizada pelas NTICs - LIFE/UFCG/CFP'. Então, a escolha desse artigo foi pensada por haver uma lacuna a ser preenchida sobre o espaço de atuação do jovem em seu meio social e escolar, tendo como principal objetivo demonstrar a importância do Protagonismo Juvenil e refletir sobre os espaços que o jovem tem conquistado por meio dessa prática.

**Palavras-Chave:** Protagonismo Juvenil; Meio Social; Políticas De Formação.

**THINKING YOUNG PEOPLE AS THE PROTAGONIST OF HIS MIDDLE  
BEYOND THE SCHOOL ENVIRONMENT****ABSTRACT**

Several researches wave to the various historical perceptions related to the concept of youth. In the formation of a modern society the young man came to be one that should guide since it would not have the maturity to their own choices. Santomé (1995) talks about this marginal place that the young person is denied within a culture. Therefore, such work is to discuss the concept of youth participation as a possibility to make visible this culture. Youth participation was appropriate in the 1970s by philanthropic and state institutions that withdrew responsibilities that are applicable to the state, encouraging young people to take voluntary activities and investing in the speech that everyone would have the same chance of success. Thus, we chose the opposite path, thinking of a role focused on the integration of young people in their political environment, cultural, etc; We intend with this article think the young protagonist of his environment, however, questioning to what extent this role is working within the school environment and school enhances the importance of their protagonism outside the school walls. So we depart from theoretical reflections obtained in discussions on the project: Youth participation and continuing education that is linked to the program 'Interdisciplinary

Dialogues in teacher training: A mainstreamed proposed by NICT - LIFE / UFCG / CFP'. So, the choice of that article was designed because there is a gap to be filled on the young man's work space in their social and school environment, with the main objective to demonstrate the importance of youth participation and reflect on the spaces that the youth has won by through this practice.

**Keywords:** Youth Leadership; Social Environment; Training Policies.

## INTRODUÇÃO

Atualmente a área da educação tem acolhido uma gama de projetos de intervenção que buscam viabilizar o protagonismo do jovem em seu meio escolar e social, na busca por estratégias que intencionem diminuir as diferenças sociais, sejam elas étnicas, religiosas, econômicas, culturais, etc; Por algum tempo se acreditava ser possível através dessas intervenções dar voz às minorias que por muito tempo foram silenciadas, marginalizadas tanto pelo contexto histórico quanto pelo seu lugar social e econômico. Não compartilhamos dessa perspectiva, pelo menos não acreditamos mais que determinado grupo se responsabilize em conscientizar ou iluminar os que estão no limbo do esquecimento. Logo, queremos pensar o protagonismo juvenil a partir das ações desses jovens nas escolas públicas da cidade de Cajazeiras. Queremos problematizar o que está sendo feito nesses espaços e como a nossa atuação pode colaborar com essas ações. Não pretendemos chegar com questões prontas, mas produzir junto. Por isso, acreditamos que a formação docente se faz crucial nesse processo já que também é através dela que espaços para esse protagonismo juvenil possa acontecer. Diante disso, está sendo pensando um conceito de protagonismo juvenil que tenha em vista a ação do jovem em seu meio como atuante desse espaço, no qual seja possível trabalhar com grupos de jovens questões sobre ensino e diversidade, discutindo as desigualdades que se arrastam desde séculos passados até a sociedade contemporânea.

Como já anunciamos no resumo desse artigo, essa proposta de discussão faz parte de um projeto de extensão do qual faço parte como bolsista que pretende trabalhar com a formação docente nas escolas públicas da cidade de Cajazeiras. Atualmente estamos no processo de formação e já visitamos algumas escolas para apresentar a

proposta. A ideia é trabalhar diretamente com os professores e só depois com atividades direcionadas para os jovens. A proposta desse artigo é apresentar algumas discussões e reflexões realizadas no grupo de formação.

Assim, além de objetivar a diminuição dessas desigualdades pela ação do jovem como um atuante de seu meio, capaz de exercer autonomia para contribuir efetivamente com decisões que propiciem resultados concretos no seu lugar de inserção, seja ele dentro da escola ou em outros ambientes para além dos muros escolares, a proposta do projeto ao qual fazemos parte, também se diferencia dos projetos das décadas de 1970 a 1990, que tratavam o protagonismo juvenil como um meio de envolver o jovem no trabalho voluntariado, tendo o mesmo como uma ferramenta de política pública voltada para a consolidação de um novo paradigma para a sociedade, que tinha como lema o rompimento das velhas teorias sociais e superar esse contexto histórico.

Partindo disso, entendemos essa perspectiva de protagonismo juvenil direcionada ao voluntariado como uma política social que tinha como intuito viabilizar o espaço público como campo de atuação do jovem em serviços voltados para a educação, infraestrutura, saúde, etc; com a pretensão de descentralizar os serviços que eram de poder do Estado (SILVA, 2002). Dessa maneira, a pretensão era desenvolver junto ao jovem que não tivesse uma boa situação social esses projetos visando diminuir os índices de pobreza. Partindo dessa proposta, engessava o aluno numa prática social voltada para questões político-administrativas, inculcando no mesmo uma ideia de participação social e desenvolvimento pessoal advindo da experiência de sua participação nesses programas.

Dessa maneira, o posicionamento do jovem era designado por esses projetos que a priori eram regidos por organismos multilaterais (ONU, UNESCO, CEPAL) ou pelo próprio Estado brasileiro, tendendo sempre a execução dos interesses ideológicos, políticos, econômicos; estando alheios aos jovens como objetivo primordial, sem ter como verdade a pretensão de contribuir para o crescimento do referido enquanto sujeito social, sem enxergar suas atuações culturais, sem notabilizar a existência ou inexistência de contribuições por parte desses projetos no processo de ensino-aprendizagem do sujeito.

Diante desse descortinamento que ronda a esfera do protagonismo juvenil, no qual visa dar foco ao desdobramento das formas de ação dos jovens na sociedade, situamo-nos diante da necessidade de repensar esse espaço de atuação dos jovens que a contemporaneidade publica nos meios de comunicação, nas escolas, etc. Pois, são perceptíveis lacunas no espaço de pedagogização desse protagonismo voltado para uma atuação do jovem que predomine sua autonomia levando-o à consequências reais de suas escolhas; também temos como objetivo refletir e pontuar até que ponto esse espaço de protagonismo é proporcionado ao jovem dentro das escolas, quando a mesma é o principal órgão de formação do jovem enquanto ser pensante e atuante na política social; e, por último, objetivamos discutir e pontuar o desenvolvimento do protagonismo juvenil fora dos muros escolares.

### **Desenvolvimento**

Em pesquisa realizada pelo PISA em 2003, 92% dos jovens se sentiam a vontade na escola, 2% achavam que a escola era perda de tempo e 30% achavam que a escola não preparava para a vida adulta. Isso nos chama atenção para a falta de identificação dos jovens com a escola, ou seja, o conflito entre a cultura jovem e a cultura escolar. Muitas vezes, as escolas e os professores rejeitam a maneira como os jovens se vestem e falam e a música que ouvem. Para Caillods (2010) muitos alunos não gostam de passar um terço de suas vidas entre as quatro paredes da escola e gostariam de começar a trabalhar e se sustentar. Outros reclamam que o currículo escolar é muito pesado, incoerente e sem sentido. Muitos alunos do Ensino Médio afirmam que as matérias são muito abstratas e não têm relação com suas vidas, e que várias delas são inúteis e não podem ajudá-los a resolver seus problemas atuais ou futuros. Criticaram também os métodos de ensino, que são predominantemente aulas expositivas com professores e tarefas escritas.

Mas, dentre esses apontamentos o que é possível ser ressignificado e transformado? Para Barros (2010 p. 76) a maior interação entre alunos e entre o corpo docente e discente é fundamental para aumentar o aprendizado e reduzir a reprovação, o abandono e a evasão. Diversas evidências demonstram que a taxa de abandono tende a ser baixa em escolas onde a frequência dos alunos às aulas é elevada, em que os alunos

passam boa parte do dia na escola, onde a escola fica aberta a maior parte do ano e os professores estão sempre presentes, com baixo absenteísmo. No entanto, para que essa interação aconteça a formação multidimensional dos docentes é primordial. Se no passado era exigido do professor o domínio sob o maior número de informações, hoje com as diversas mídias e a facilidade de acesso digital a uma quantidade ilimitada de informações, os alunos não buscam na escola e em seus professores apenas informação.

Ao contrário, procuram escolas e professores ansiando que estes os ensinem a sistematizar, interpretar e organizar a vasta gama de informação a que já têm acesso. Neste novo contexto, um bom professor não é necessariamente aquele capaz de passar a maior quantidade de informação por unidade de tempo, mas sim aquele que é capaz de melhor conduzir e ensinar os alunos a organizarem seus pensamentos e conhecimentos. (BARROS, 2010 p. 78)

A questão principal do projeto o qual faço parte é como articular a formação continuada dos docentes com as demandas apresentadas pela escola e principalmente pelos jovens. Como criar essa interação através dessa cultura juvenil e com a sua ligação com as tecnologias? Como articular a prática docente, principalmente no ensino médio, no seu encontro / desencontro com a cultura juvenil? Como atrelar a essa discussão temas importantes como a diversidade cultural? Como entender a escola enquanto espaço de tensões, contrastes e conflitos na construção de significados? Se a interação entre professores e alunos pode ser o caminho para a identificação desses jovens com a escola, como promover essa interação? Se a cultura juvenil é permeada por questões como a diversidade cultural como fazer dessas temáticas pontes para o diálogo com os jovens? Pensamos que o protagonismo juvenil seja uma possibilidade. O termo “protagonismo juvenil” vem sendo discutido por diversos autores (SOUZA, 2003; FERRETI, ZIBAS E TARTUCE, 2004 E 2006; KLEIN, 2004; GANDOLFO, 2005; ESTEVES, 2005; MENDONÇA, 2005; SOUZA, 2006; GUEDES, 2007) com diferentes leituras e concepções.

Para alguns desses autores como Ferreti e Tartuce (2006) o conceito de protagonismo juvenil discutido nas diretrizes não obteve sucesso, principalmente porque apresentava uma proposta genérica do termo. Para esses autores essa participação dos jovens deve ser instituída nos organismos escolares com a participação dos discentes, e definida nos estatutos e Projeto Político-Pedagógico da

escola. Desta forma, não compreendemos o protagonismo juvenil baseados em atividades como o voluntariado ou empreendedorismo permeado por uma ideologia capitalista. Mas, pensar esse protagonismo enquanto coletivo, embora seja contraditório já que ser protagonista é ser o que se evidencia mais que os outros, a escola é constituída por uma multiplicidade de acontecimentos, com vários indivíduos envolvidos, que podem decidir e refletir coletivamente sendo assim, uma questão essencial para a democratização da escola. Para alguns autores o termo deveria ser repensado para protagonismo estudantil e coletivo.

Pensando nessa perspectiva, os docentes podem ter papel importante na construção dessa prática nas escolas, possibilitando a participação política espontânea e institucionalizada do aluno. Segundo GUEDES, o discente, por ser um interlocutor privilegiado na análise da conjuntura escolar, constitui-se em um ator coletivo que deve ser consultado tanto no momento do planejamento quanto na execução das atividades administrativo-pedagógicas da escola.

Pensamos então, propor uma formação que possa explorar essa potencialidade, não só pesquisando o que os alunos pensam sobre a escola e as motivações para a desistência, como também, discutindo e aprofundando conceitos e debates que envolvem a cultura escolar e a cultura juvenil. Pensando o uso das tecnologias enquanto possibilidades de intervenção no contexto atual das escolas, bem como, enquanto ferramentas de articulação social para a interação das propostas de atuação entre os jovens.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Portanto, o nosso objetivo foi analisar um contexto, principalmente o qual o conceito de protagonismo surgiu. Percebemos que o perfil assistencial do estado e as políticas sociais mais amplas, como por exemplo, a viabilização do jovem enquanto protagonista de seu meio não era notabilizada, pois a emergência da teoria econômica neoliberal desenvolvia políticas voltadas para a classe mais pobre apenas em forma de filantropia, que favorecia apenas o Estado caracterizando-o como promissor de políticas

públicas sociais que visavam a universalidade, no qual tinha como objetivo focalizar o jovem em segmentos sociais específicos, como os organismos do terceiro setor<sup>1</sup>.

Esses organismos do terceiro setor só se preocupavam em engajar os jovens em programas que fossem voltados para o protagonismo voluntariado, assim, teriam a força dos novos parceiros no atendimento às questões sociais e propagavam dessa maneira nos jovens uma cultura utópica de imersão no desenvolvimento social, tendo em vista que eles só tinham em mente segmentos sociais específicos, não atentando seu olhar para uma política de atuação autônoma do jovem e que não atendia as necessidades da minoria, como idosos, mulheres, crianças, etc. Diante disso, podemos perceber o quanto foi limitado e distorcido o conceito de Protagonismo Juvenil até essa década, pois o referido baseava-se numa ação movida por políticas sociais que promoviam uma modernização no sistema social que via no jovem uma potência natural de força de trabalho, desta forma, o mesmo não necessitava de assistência compensatória, como por exemplo, ações que subsidiassem sua autonomia no meio social.

No início da contemporaneidade existe uma inclinação dessas políticas universalistas para os jovens, pois o neoliberalismo passa a influenciar com mais força essas políticas sociais e a notorizar relações produtivas e culturais em caráter nacional.

“[...] ao se passar da lógica global à lógica das sociedades nacionais, o problema surge quando o contingente maior de ‘desnecessários’ passa a ser os seus jovens, porque isso significa um risco à sustentabilidade da sociedade em seu conjunto (BANGO 2003, p. 39)”.

Nessa esteira, houve o surgimento de uma nova noção sobre o conceito de Protagonismo Juvenil, que o viabilizava como um protagonista de seu meio social, não mais como um voluntário, mas que buscava sua efetiva atuação no espaço social. Assim, com essa ampliação do campo que permitia a ação do jovem enquanto indivíduo autônomo foi se ampliando e consigo o espaço de luta no qual passava a tomar partido das minorias. Dessa forma, os jovens eram inseridos no universo societário de uma forma ampla, no entanto, não tinham enfoque nas suas necessidades sociais.

Contudo, também apresentamos que mesmo diante dessas dificuldades estruturais do contexto sócio-econômico e educacional e de participação política

---

<sup>1</sup> O terceiro setor são as ONGs, as fundações, as associações comunitárias, os movimentos sociais, etc.

limitada na escola pública, ainda assim, os discentes são capazes de oferecer críticas e sugestões pertinentes, que, uma vez consideradas, contribuem para compreensão e equacionamento dos aspectos administrativos e pedagógicos, responsáveis pela acentuada exclusão escolar, social e política desses alunos. Nesse sentido, a participação ativa dos jovens pobres da escola pública é uma potencialidade não explorada por educadores e gestores escolares (GUEDES, 2011, p. 11) e são essas questões que iremos aprofundar no projeto de extensão.

## REFERÊNCIAS

BANGO, Julio. Políticas de juventude na América Latina: identificação de desafios. **Políticas públicas: juventude em pauta. São Paulo: Cortez**, p. 33-55, 2003.

BARROS M.B.A., CESAR C.L.G., CARANDINA L, Torre G.D.. Desigualdades sociais na prevalência de doenças crônicas no Brasil, PNAD-2003. *Ciênc Saúde Coletiva* 2010; 11:911-26. 6. Organização Mundial.

FERRETI, C.J.; ZIBAS, D.M.L.; TARTUCE G.L.B.P. Protagonismo juvenil na literatura especializada e na reforma do ensino médio. *Cadernos de Pesquisa*, v.24, n.122, p. 411- 423, São Paulo. Maio/ago.2004. (in)visibilidade de experiências de protagonismo juvenil. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

GONÇALVES, M.A.S. Escola, adolescência e construção da identidade. In: BAQUERO, R.V.A. (org.). *Agenda jovem: o jovem na agenda*. Ijuí: Ed. Ijuí, 2008. p. 173-205.

GUEDES, Gilmar Barbosa. A escola de ensino médio público noturno: uma conjuntura favorável ao protagonismo estudantil coletivo em contraposição ao protagonismo juvenil via empoderamento. Natal, 2007.

SILVA, Maria Abádia da. **Intervenção e consentimento:** a política educacional do Banco Mundial. Campinas, SP: Autores Associados: São Paulo: FAPESP, 2002.